

Folha de S. Paulo

17/1/1985

Continua o impasse entre usineiros e bóias-frias

Reportagem Local

Até às 21h30 de ontem, passadas mais de dez horas de reunião, na sede da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp), persistia o impasse nas negociações entre usineiros e bóias-frias em torno das reivindicações apresentadas pelos trabalhadores rurais da região canavieira de Ribeirão Preto. Os bóias-frias continuavam reivindicando um piso salarial de Cr\$ 20 mil por dia, enquanto os empresários do setor rural propunham em contrapartida a concessão, a partir de 1º de janeiro, de 50% do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) médio dos últimos quatro meses sobre o salário pago em setembro, como antecipação do reajuste automático de março próximo.

Ainda, segundo a contraproposta patronal, este acordo seria aplicado a todos os trabalhadores rurais do Estado — cerca de 500 mil — e não apenas para os empregados do setor canavieiro. Em fevereiro, a Faesp e a Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo) negociariam um acordo específico para a safra da cana-de-açúcar a vigorar a partir de março.

O presidente da Fetaesp, Roberto Horiguti, disse que a demora de um acordo, após três dias de reuniões, se deve à "intransigência dos patrões". Segundo ele, isso pode agravar a situação no campo. "Se não houver um acordo hoje (ontem) a greve dos cortadores de cana poderá se estender imediatamente a todos os trabalhadores rurais do Estado", afirmou ele. Para o secretário estadual do Trabalho, as dificuldades para um acordo se situaram em torno das "cláusulas econômicas" (a fixação da diária de Cr\$ 20 mil, pagamento das horas parada etc). Já o presidente da Faesp, Fábio Meirelles, disse acreditar ainda na possibilidade de um entendimento com os representantes dos bóias-frias.

O secretário da Segurança Pública, Michel Temer, 44, reafirmou ontem, pouco antes de ser recebido pelo governador Franco Montoro, no Palácio dos Bandeirantes, que os teipes requisitados pelo comando da Polícia Militar às emissoras de televisão que registraram as agressões cometidas por soldados da corporação contra um trabalhador, em Guariba, em meados da semana passada, ainda não foram recebidos, razão pela qual nenhum dos envolvidos foi identificado até o momento, mas que, assim que tenha em mãos tais identidades, punirá os responsáveis.

"A ordem que demos aos policiais destacados para o policiamento da região durante o movimento dos bóias-frias foi taxativa: agir com energia, mas sem violência, mesmo nos momentos de provocação", disse, revelando, em seguida, o texto de nota a ser distribuída depois do encontro com o governador, na qual enfatiza que sua regra de atuação é "energia, firmeza, obediência à lei, violência, nunca".

Indagado se pretendia demitir-se, atendendo recomendação feita por um líder sindical da região de Guariba, feita dias após o registro dos incidentes naquela cidade, Michel Temer disse que não. "Como eu disse no dia de minha posse, vim para ficar. Não atenderia, jamais, um apelo feito na forma emocional como o foi feito por esse líder sindical, num momento de exaltação".

O caso mais dramático mostrado pela TV foi o do bóia-fria Domingos José Bicalho, 33 anos, que apanhou de quatro PM's enquanto estava caído no chão, sem conseguir reagir ou sequer

se levantar. Bicalho ficou com o rosto deformado e declarou aos repórteres que chegou a pensar "que ia morrer de tanta pancada".

(Primeiro Caderno — Página 8)